

# ESTUDOS SOBRE CULTURA E PROCESSOS CRIATIVOS DE ARTISTAS: REFERENCIAIS PARA A INTERVENÇÃO EM UMA OFICINA TERAPÊUTICA OCUPACIONAL COM PSICÓTICOS<sup>1</sup>

CRISTIANE MIRYAM DRUMOND DE BRITO<sup>2</sup>

NATHÁLIA ZOCCHI SANTIAGO<sup>3</sup>

## RESUMO

No ano de 2004, no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS Mandaqui) em São Paulo, foram realizados atendimentos terapêuticos ocupacionais numa oficina composta por dez indivíduos diagnosticados como psicóticos. A atividade realizada foi a construção de robôs utilizando materiais eletro-eletrônicos tais como televisores, rádios, vídeos cassetes, computadores e outros, que eram desmontados e remontados em forma de esculturas-robôs. Os conceitos sobre generalizações do processo criativo e cultura nos auxiliaram na condução da oficina e na relação do grupo com a construção dos robôs, além de servir como referencial teórico para a análise apresentada. A transposição de estudos sobre o processo criativo teve como objetivo compreender a relação dos sujeitos com a matéria, as suas percepções, o encontro de métodos, o diálogo com a cultura, enfim, a construção do projeto poético dos participantes. Projetos poéticos são fios condutores relacionados à obra do artista, no caso, apresentados pelos psicóticos, que incluem os princípios éticos e estéticos, seus gostos, crenças e o modo de ação. Questionamos se o fazer destes psicóticos era submetido (ou não) ao *imprinting* cultural, ou seja, ao selo cultural normatizador da sociedade. Essa maneira de abordar a oficina terapêutica ocupacional criou espaços de diálogos transgressores, conseqüentemente, sem ordem lógica, construindo e resignificando lógicas próprias de cada sujeito através das esculturas. O fazer psicótico nesta oficina é visto como um ato comunicativo e um processo de aquisição de conhecimento vivenciado por ações de experimentações próprias, com estabelecimento de métodos singulares de construção. Os dados apresentados foram colhidos de forma processual.

**Palavras Chaves:** Cultura, Processo Criativo, Psicose.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 13 de novembro de 2008. Aceito para publicação em 28 de março de 2009.

Parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: O Processo Criativo como referencial teórico em uma oficina terapêutica ocupacional – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2005.

<sup>2</sup> Terapeuta Ocupacional, Docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos E-mail: cristianedb@ufscar.br

<sup>3</sup> Terapeuta Ocupacional, Especialista em Saúde Mental, Especializanda em Saúde da Família em Cuba. E-mail: nathaliazocchi@gmail.com

# STUDIES ABOUT CULTURE AND ARTISTS' CREATIVE PROCESS: REFERENCES TO THE INTERVENTION IN AN OCCUPATIONAL THERAPY WORKSHOP WITH PSYCHOTICS

## ABSTRACT

In 2004, in the Psychosocial Attention Center (CAPS Mandaqui), in São Paulo, occupational therapy care was performed in a workshop composed by ten individuals diagnosed as psychotics. The activity done by the group was the construction of robots from electronic objects such as television, CD players, video cassette recorders, computers and others which were taken apart and set up as robots-sculptures. The knowledge about generalizations of the creative process and culture helped us not only carry out the workshop but understand the group interaction with the activity of setting up the robots. Moreover, this knowledge was used as the theoretical reference to the analysis. The implementation of studies about creative process aims to understand the relations of the subject with the material, their perceptions, the meet of methods, the dialogue with culture, finally the built of a member's poetic project. Poetic projects are conductors related to the artist's work that, in case, are psychotic's work. This work includes ethical and aesthetic principles, their tastes, beliefs and way of action. We also asked if the psychotic's work was or wasn't submitted to cultural imprinting, meaning, to seal normalizing cultural society. This way of approaching the occupational therapy workshop created forums for transgress dialogues, consequently, without logic order, building and redefining own logics of each subject through the sculptures. So, the psychotic's work, in this workshop, was seen as a communicative act and as an acquisition of knowledge process, experienced by own shares of trials, with a unique method of construction. The data presented were collected by a procedural way.

**Key words:** Culture, Creative Process, Psychosis

## INTRODUÇÃO

Analisa-se uma oficina de construção de robôs realizada por psicóticos em um centro de atenção psicossocial na cidade de São Paulo no ano de 2004 (CAPS Mandaqui). A oficina utilizou materiais eletro-eletrônicos que eram desmontados e remontados em forma de esculturas-robôs. O referencial teórico do trabalho realizado se baseou em estudos sobre o processo criativo e a cultura,

e, consoante com estas referências, os dados foram colhidos de forma processual. A oficina era composta por dez indivíduos diagnosticados como psicóticos. O objetivo foi pensar e fazer uma terapêutica ocupacional baseada no referencial teórico da Crítica Genética, linha teórica que surgiu na França, em 1968, tendo como foco o processo criativo de escritores. Hoje, no Brasil, temos vários estudos sobre processos criativos de artistas e

cientistas, realizados principalmente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Neste trabalho, buscamos relacionar as ações dos psicóticos na oficina com as generalizações já existentes de estudos sobre as ações dos artistas e cientistas, pois os mesmos deixaram registros que nos permitiram a realização das pesquisas e conseqüentes teorizações sobre seus processos de construção de obras e/ou descobertas científicas. Os artistas têm seu *atelier*, seus cadernos de anotações, esboços, agendas, onde registram a sua ação de criar ou parte dela. Com os cientistas ocorre o mesmo, têm seus cadernos de anotações, diários de campo, a biblioteca particular, o laboratório, a sala de estudo. Essa materialidade do fazer científico e artístico permitiu o estudo e a generalização do fazer criativo, utilizando-os de forma comparativa com outras ações humanas, bem como, neste caso, com as ações dos psicóticos em uma oficina terapêutica ocupacional.

Em princípio, consideramos os indivíduos estudados como seres desviantes, visto que, em nossa cultura, eles têm, por vezes, atos e falas que fogem de determinismos. Diversos estudos das ciências médicas, fundada em uma ética positivista, têm como verdade que os atos e falas dos psicóticos não são realizados “voluntariamente”, mas sim patologicamente, caracterizando um *status* de doentes. Sendo assim, podem ser excluídos cultural e socialmente pela doença, incluindo-os apenas no campo do cuidado. As ciências médicas dominantes têm seus princípios na filosofia positivista, descrita por COMTE (1939), apresentando algumas propriedades, sendo que, entre elas, argumenta que o meio racional é o único verdadeiro, devido sua evidência das leis lógicas do espírito humano. Além disso, busca a homogeneidade de métodos para compreender o mundo e o ser humano.

Por isso, ao pensarmos na possibilidade dos psicóticos como seres desviantes, podemos considerá-los como capazes de produzirem brechas no *imprinting* cultural,

definido por MORIN (1998) como uma matriz estruturante do conformismo, marcada, desde o nascimento, com um selo cultural que produz indivíduos normatizados, oprimidos e alienados pela própria cultura. Esse pensamento foi capaz de transformar nosso olhar para as produções, falas e atos dos psicóticos, que, ao produzirem brechas, constroem atos comunicativos. O *imprinting* cultural é a força normalizadora da sociedade, a soma dos conceitos herdados e praticados cegamente, buscando uma *performance* que se afaste de qualquer possível desvio da norma. Ele pressupõe um padrão de conduta, que pode ser aplicado a todos os aspectos de uma sociedade: o sistema de normas econômicas, sociais, culturais, de comportamento, do uso da língua, dentre outros.

O que a ciência positivista considera como patológico na psicose, nós analisamos como um desvio da norma vigente, que gera comunicação. Os desvios podem levar à evolução do conhecimento, principalmente por meio do intercâmbio de idéias, que enfraquece o dogmatismo.

A pergunta de nossas análises e nossa atuação em uma oficina com psicóticos era se eles deixavam-se ou não se submeter ao *imprinting* cultural e também se, com as construções inventivas dos robôs, eram capazes de refletir sobre suas próprias inserções sociais e culturais. Os participantes do grupo eram psicóticos não cronificados e que não estivessem em crise. A proposição da atividade foi realizada pelas estagiárias de Terapia Ocupacional que tiveram a idéia de construir algo relacionado ao corpo, pois, segundo seus estudos, encontraram na literatura que o corpo do psicótico é fragmentado e assim, quiseram construir um corpo concreto através de esculturas. Decidiram então, construí-lo com materiais eletro-eletrônicos e o nome da oficina surgiu: “Robocop”.

## **PROCESSO CRIATIVO DE ARTISTAS**

Os estudos sobre o processo criativo de artistas arrolam

que tais artistas refletem, em suas obras, influências culturais, sendo afetados e afetando a cultura na qual estão inseridos, tanto eles próprios quanto suas criações. O processo criativo não se encontra isolado, ele está sempre dialogando com a tradição, pois não existe projeto poético sem influência cultural (SALLES, 1998). O projeto poético pode ser compreendido como os fios condutores relacionados à obra do artista, sendo, portanto, todos os princípios éticos e estéticos, seus gostos, crenças e o seu modo de ação. O artista está imerso num ambiente que envolve toda a sua vivência, o espaço de produção, os momentos históricos, culturais e científicos. Na cultura é que se inserem todas as formas com que o homem convive, seja material ou espiritual. O processo criativo:

*é uma experiência coletiva e transmitida socialmente por indivíduos ou grupos a gerações, constituindo-se como uma herança de caráter social do homem, que ao longo do seu processo de evolução sofre alterações exatamente em função da produção cultural (OSTROWER, 1978, p.40).*

A partir dessa idéia, acredita-se que a construção do projeto poético está inserida numa complexa rede de símbolos e valorizações. Essa rede é construída e habitada pelo criador.

*O processo de criação de um artista é um lugar no qual ele caminha interagindo com diversas forças, podendo inclusive reconfigurá-las e no caminhar redefinir metas, construir novas formas, construir subjetividades, opor e identificar com as subjetividades culturais, o imaginário etc. (BRITO, 2004, p.51).*

Não se trata de um processo linear e assertivo, mas sim de uma confluência de tendências e acasos que, de algum modo, direcionam as ações. São rumos vagos que orientam o processo de construção da obra. Há um movimento dialético entre rumo e incerteza que gera o trabalho. Nesse percurso, tendências se cruzam acidentalmente causando modificações de rumo. O

processo criativo é construído em rede, em um ambiente de interações, de laços, da interconectividade, dos nexos e das relações.

*Dai pensarmos a criação artística no contexto da complexidade, romper o isolamento dos objetos ou sistemas, impedindo sua descontextualização e ativar relações que os mantêm como sistemas complexos (SALLES, 2006, p.27).*

O pensamento criador é ativado por elementos exteriores e interiores em construção influenciados pela memória e pela percepção do artista, que pode ser definida como os modos de apropriação do mundo e do universo cultural no qual estão inseridos.

A criação é um momento especial da percepção, que possibilita um ponto de partida e um campo de testagem, além da exploração do mundo. Tal percepção tem uma meta, que conduz o artista, fazendo com que o mundo lhe pareça estar à disposição da criação, quando, na verdade, é o artista quem canaliza todo o mundo a sua volta para a criação. Trata-se da compreensão da arte como exploração do mundo (SALLES, 1998). O artista, através dessa exploração perceptiva, busca brechas dentro do *imprinting* cultural, criando um desvio inovador.

*Basta por vezes uma pequena brecha no determinismo, permitindo a emergência de um desvio inovador ou provocado por um abscesso de crise, para criar as condições iniciais de uma transformação que pode eventualmente tornar-se profunda (MORIN, 1998, p.7).*

## **A OFICINA COM OS PSICÓTICOS**

Na oficina terapêutica ocupacional com psicóticos encontramos muitas pessoas que interromperam sua submissão ao *imprinting* de dominação cultural, sendo que, ao construírem seus robôs, proposta da atividade, eram capazes de produzir brechas. A maneira de perceberem o mundo apresentava uma singularidade própria que possibilita a criação de laços, a

interconectividade, os nexos e as relações com elementos culturais diversos. Outros psicóticos nos pareciam dialogar com o *imprinting* cultural e utilizavam elementos concretos da mídia cinematográfica em suas construções. A materialização sugerida pela figura do robô vinha acompanhada das subjetividades próprias, nas quais podemos perceber as influências do meio e da individualidade constituindo, conjuntamente, seus projetos poéticos. Para exemplificar, destacamos um relato de um psicótico ao construir seu robô:

*Meu robô parece um monge chinês (...) Bruce Lee protetor dos fracos e oprimidos. Ele protege os inocentes dos vilões, lutando com punhos e as pernas e sabe usar os golpes (...) Ele é um homem solitário”.*

O indivíduo utiliza influências concretas como, por exemplo, um ator de filme *hollywoodiano*, e ainda insere algo de sua subjetividade na fala, quando diz ser o robô *Bruce Lee* um homem solitário. Ele conecta um personagem à sua subjetividade para criar a história de seu robô, retratando-se na obra. Isso só é possível apreender porque participamos dos processos de construção de seu projeto, no entanto, na exposição do robô ao público, essa dimensão, talvez, não tenha sido visualizada.

Muitos elementos da cultura passaram a fazer parte das obras dos integrantes do grupo. Encontramos elementos culturais das mais variadas representações, refletidos, inclusive, no nome da oficina, “Robocop”, o qual foi gerador de reflexões sobre a cultura de massa produzida por meio do cinema. Em várias construções de robôs percebemos uma reconfiguração dos estereótipos do “Robocop” cinematográfico, pois alguns sujeitos do grupo já haviam assistido ao filme e outros, mesmo que não o conhecesse, tinham referências sobre o ícone divulgado pela mídia. As vivências de cada indivíduo com a cultura possibilitaram surgir diferentes formas e histórias.

Um dos participantes do grupo relacionou o Robocop

ao filme *King Kong*. Se analisarmos a partir dos princípios dominantes sobre a normalidade, fica difícil estabelecer uma relação concreta entre estes dois signos, visto que o primeiro se refere a um robô e o segundo a um macaco gigante. Mas, quando “desviamos” a direção de nosso olhar para uma visão na qual tudo é permitido, inclusive a relação de um robô com um macaco, observa-se a criação acontecer. A oficina é um espaço oferecido aos psicóticos para suas percepções virem ao universo material na forma de criação e de diálogo com a arte. Trata-se de uma possível inserção social destes psicóticos, na qual há espaço para os conflitos com a cultura vigente, e, nesse caminhar, abrem-se brechas para um relacionamento com um universo mais transgressor, que é o universo dos artistas.

*Na atividade artística não há exigência de que os produtos sejam reconhecidos como realidade; ela caracteriza-se como criação de um modelo de realidade, e não a realidade mesma (CASTRO, 2001).*

Portanto, a criação possibilita ao artista moldar e transformar a realidade, reconfigurando conceitos, conduzindo as idéias de um patamar de uma verdade única para a constituição da sua verdade. Assim, os psicóticos também moldaram a realidade com a sua imaginação, com subjetividades próprias, sem se preocuparem com as normas culturais e sociais.

Outro exemplo interessante é quando esse mesmo participante nos disse que o Robocop é um filme americano e que aquele espaço poderia ser utilizado para se criar um Robocop à moda francesa. Há um trânsito por universos culturais diversos, sem nenhum compromisso com a massificação de ícones produzidos pela mídia americanizada. Assim, fazia laços e criava redes com suas percepções, mesmo que fossem ou não delirantes. Esse participante remodelou a proposta do “Robocop”, desviando-o da ‘cultura de massas’, da padronização cultural voltada para o mercado de consumo e inseriu seu robô em outra esfera cultural.

Apesar da massificação imposta, esse indivíduo foi capaz de criar algo inusitado a partir de um símbolo da mídia. Mesmo que aquele fosse um espaço no qual a inovação era permitida, o nome Robocop dado à oficina, já trazia em si as bagagens do filme de Hollywood. O mesmo processo ocorreu com outro participante, que nos relatou que o Robocop do grupo poderia ser um cavaleiro medieval. Ao invés de imaginarmos o futuro, retornaríamos ao passado, pois um cavaleiro medieval poderia ter a mesma função de um robô policial em outro período histórico, na idade média.

Essas idas e vindas, sem preocupação com o tempo cronológico ou com o tempo em que o filme foi criado, parece-nos possível em dois campos: no processo de criação dos artistas e no processo do fazer psicótico.



***Cavaleiro Medieval***

Quando pedimos para que eles escrevessem a história de seus robôs, ficou clara a relação entre cada um com uma cultura massificada. Referimo-nos a uma nova questão inserida no contexto contemporâneo de forma racionalizada e supervalorizada: as inovações tecnológicas. É a partir delas que se insere o robô, pois na maioria das obras construídas ficou explícita a questão da cultura de inovações tecnológicas.

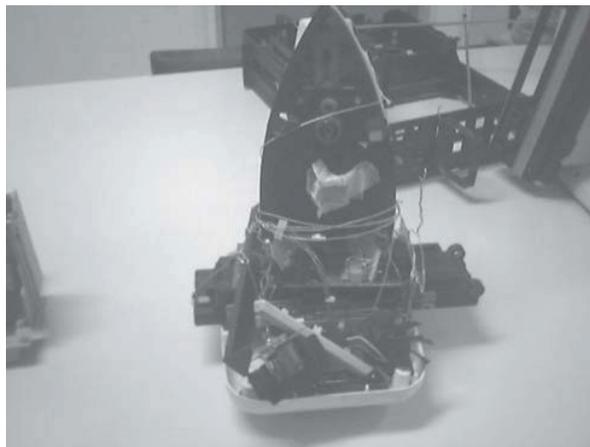
Damos como exemplo um documento criado na fase final de nossa oficina, no momento em que pedimos para que os participantes nos relatassem sobre o objeto criado:

*Robô Ferro, talvez o robô do futuro, já que os japoneses inventaram um monte de coisas eletrônicas, coisas tão impossíveis que eu nem imaginava. (...) Facilita Robô Ferro para as donas de casas (...) o que eu acho dos orientais é que eles têm idéias incríveis.*

Nesse texto, a percepção que o participante tem sobre a cultura japonesa é bem parecida com o imaginário coletivo sobre os nipônicos, enquanto inventores de componentes tecnológicos facilitadores das atividades de vida comum para todos. Por isso, quando ele cria seu Robô Ferro capaz de auxiliar nas atividades domésticas, ele compara a sua criação às invenções japonesas. Ele relaciona seu robô com um imaginário coletivo já existente em relação à criação de aparelhos eletrônicos, robôs etc.



***Confeccionando o Robô Ferro***



***Robô Ferro***

Outro discurso, que segue na mesma linha:

*Esse robô defende as pessoas contra os bandidos, seqüestradores, ladrões de banco. Ele trabalha para a polícia civil e é controlado por computador que fica na central da polícia (...) Ele é uma das mais criativas armas já feitas pelo homem. No país é considerado um exemplo de arma contra a marginalidade. Ele também trabalha com a tropa de choque, dissolvendo tumultos e estabelecendo a ordem pública.*

Aqui se compara essa criação ao Robocop, de acordo com o personagem do filme, e que dá nome à oficina. Percebe-se que houve um empréstimo por parte do psicótico da denominação do grupo à obra realizada. Esse psicótico está, de certa forma, inserido no determinismo cultural “imposto” pelos norte-americanos. Há uma modulação e a seleção de determinados elementos dessa cultura americanizada, que também é percebida por esse indivíduo. Como nos diz Peirce, “Só percebemos aquilo que estamos preparados para interpretar (...) e deixamos de perceber aquilo para cuja interpretação não estamos preparados”. Os processos perceptivos ocorrem dentro das condições e hábitos daqueles que os percebem, consistindo numa modulação específica do mundo (MEURER, *apud* SALLES, 1998).

Esses relatos demonstram que a psicose não é tão distanciada do universo cultural dominante em que vivemos. Alguns a absorvem de maneira massificante e outros fazem relações transgressoras com os mesmos elementos da cultura. O importante é que muitos desses sujeitos podem estabelecer uma relação particular com o universo cultural no qual se está inserido, construindo idéias, no sentido proposto por Peirce, que não são apenas associadas a um único ego.

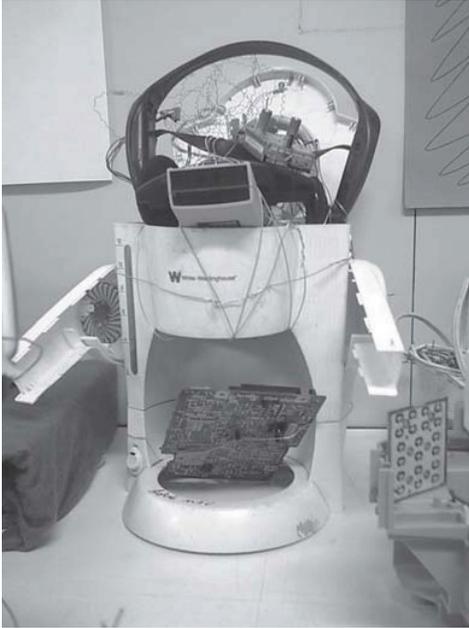
A idéia não pertence a uma alma; é a alma que pertence à idéia. A alma faz à idéia exatamente o que a celulose faz para a beleza de uma rosa; isso quer dizer: ela lhe dá oportunidade (...). As idéias não são meras criações

desta ou daquela mente, mas, ao contrário, têm poder de encontrar e criar veículos, e os tendo encontrado, de conferir a eles o poder de modificar a face da terra (PEIRCE, 1995, p.216-17).

No processo de contato dos psicóticos com os materiais eletro-eletrônicos, permeados pela proposta de construção de robôs, as idéias encontraram veículos de transformação. As idéias e/ou pensamentos entraram em diálogo com elementos do exterior e do interior da percepção de cada participante, tornando os gestos comunicativos.

A construção dos robôs se iniciou com idéias vagas e foi sendo transformada no próprio fazer, havendo sempre espaço para o crescimento. As idéias partiram de falas e delírios, entretanto foi na experimentação do fazer que ganharam corpo e foram se modificando. No exemplo já citado, no qual o psicótico queria criar um cavaleiro medieval, verificamos que outro significante foi dado ao concretizar o robô: ele produziu o “XK9”. Ele explica que o XK9 é seu próprio filho, pois inseriu seu DNA no robô via parafuso, que continha sua saliva. O seu delírio era ser um cientista e o robô passou a ser um de seus feitos científicos. A comunicação com o inesperado e com o singular, bem como a procura por respostas dentro de seu próprio ambiente para dar continuidade à criação e à sua existência, conforme observado no relato acima, foram constantes no processo da oficina.

Durante o grupo, deparamos-nos inúmeras vezes com variados esquemas perceptivos. Um participante usou um visor de video-cassete para ser os olhos transparentes com óculos “raiban” (uma marca de óculos escuros), para proteger e filtrar. O cérebro estava exposto. Disse que todos os órgãos de seu robô recebiam estímulos, tais como a língua, os ouvidos e os olhos. Utilizou um grande chip de computador e disse que seria o estômago, para a barriga não ficar vazia. “O estômago recebe a bateria e distribui para todo o resto do corpo (...) Ele têm uma língua para captar as energias”.



***Robô relacionado com o corpo humano***

Esse “artista” psicótico realiza um mapeamento corporal do robô relacionando ao corpo humano. O estômago é o local distribuidor de energias, gerador de sentidos, visto que o estômago é o primeiro local de processamento dos alimentos ingeridos.

A percepção é seletiva e segue suas próprias tendências. A subjetividade de cada artista está relacionada à questão cultural vivenciada. Para MORIN (1998), a cultura é co-produtora da realidade que cada um percebe. Portanto, na criação refletimos o que vivemos, onde vivemos e como vivemos, numa cadeia infinita de agregação de percepções. Desse modo, a criação passa por processos metamorfoicos, de criação e recriação, num processo inacabado, dinâmico e construído em rede.

A materialização realizada, observada na construção dos robôs, permitiu a reflexão de cada um sobre si mesmo. O processo de criação é um processo de autoconhecimento e de busca de realidades próprias que possibilita o mergulho em um universo que, além de refletir questões culturais e perceptivas, leva-nos às fronteiras humanas intrínsecas, nunca antes exploradas.

A realização das atividades artísticas permite aos sujeitos um contato mais estreito com aspectos pessoais, o que

desencadeia um processo de conhecimento de si e, ainda favorece a solução de questões pessoais (CASTRO, 2001).

Esse contato estreito pôde ser observado na própria maneira de cada um fazer o seu robô e relatá-lo. Seguem alguns exemplos:

Esse robô procura uma namorada, ele é eu mesmo, me sinto um robô e tudo que faço é mecânico.

Ele pretende namorar e sabe que é ela, ela é morena, ela é baixa, o nome dela é segredo, conheci aqui no CAPS. O nome do robô é Máster e está apaixonado.

Outro participante, quando vai dar o nome ao seu robô, diz que seu nome é *Otário*, escrevendo numa fita adesiva e colocando-a na testa de seu robô. Estes relatos demonstram a identificação pessoal de si com o que foi realizado.

A partir do momento em que o artista se identifica com sua obra, poderemos analisar o processo de criação como um processo de autoconhecimento. Ao propormos uma oficina de criação para os psicóticos, apostamos na possibilidade de gerar conhecimento e resignificação dos próprios indivíduos em seus contextos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A transposição de estudos sobre processos criativos e cultura a um grupo de Terapia Ocupacional com psicóticos, a partir do significante Robocop, demonstra a ocorrência de um diálogo com a cultura. Esse diálogo, por vezes se mostra em consonância com o *imprinting* cultural, desviante da padronização cultural. Nessa relação dialógica, houve produção do “calor cultural”, significando “intensidade/multiplicidade de trocas, confrontos, polêmicas entre opiniões, idéias, concepções” (MORIN, 1998, p.40). Assim, o projeto poético de cada psicótico cresceu nesse ambiente mutável, turbulento e em condições movediças.

No processo de criação, tanto o artista quanto o cientista

e os participantes da oficina estão envolvidos pelo mundo que os circunda. Encontram-se imersos em um ambiente que envolve suas vivências desde a infância, os meios materiais que tiveram acesso e escolheram para produzir suas obras, o espaço de produção, os momentos históricos, sociais, culturais e científicos. É via a cultura que se manifestam as representações, a consciência e o imaginário coletivo.

O formato de uma obra criativa é constituído na interação de forças culturais e individuais, contrárias e/ou confluentes entre a cultura, o momento histórico/social e o pensamento do criador. Ao fazer e refazer sua criação, o indivíduo é capaz de refazer a si mesmo e resignificar o seu contexto. Como diz YEATS, *apud* SALLES (1998), “ao refazer minha canção é a mim que refaço”.

O fazer psicótico, nesta oficina, a partir dos referências apresentados, conduziu-nos a um caminho de reflexão sobre o fazer enquanto um ato comunicativo e também como um processo de aquisição de conhecimento, vivenciado por ações de experimentações próprias e com o estabelecimento de métodos singulares de construção.

Pensa-se, então, em fazer da ação terapêutica uma maneira de o indivíduo perceber a si mesmo e ao mundo, traduzindo seus pensamentos e desejos em ação. É uma terapêutica que acredita no processo de ação como um processo de pensamento.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRITO, C. M. D. *Comunicação com público: uma tendência no projeto poético de Álvaro Apocalypse*, Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), 164 p., Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP: PUC-SP, 2004.

BRITO, C. M. D.. *Rascunhos da Loucura*. São José dos Campos: UNIVAP, 2001.

COLAPIETRO, V. *Peirce's approach to the self: a semiotic perspective on human subjectivity*. New York: State University of New York, 1989.

CASTRO, E. D., *Atividades artísticas e terapia ocupacional: construção de linguagens e inclusão social*. Tese (Doutorado em Comunicação e Artes), 327 p., Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2001.

COMTE, A. *Importância da filosofia positivista*. Lisboa: Inquérito, 1939.

LOTMAN, I. *La semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Seleção e tradução de Desiderio Navarro. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

MORIN, E. *O método 4: as idéias habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulinas, 1998.

OSTROWEWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1978.

PEIRCE, C. S. *Collectors Paper*. Cambridge, Massachusetts. The Belknap Press of Harvard University: Press, 1995.

PEIRCE, C. S. *Semiótica e Filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1997.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1990

SALLES, C. A. *Gesto inacabado: processo de criação*. São Paulo: Annablume, 1998.

SALLES, C. A. *Redes da criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Horizonte, 2006.